



Jornalismo em rede, conectividades e as reconstituições dos memes do fascismo

Ronaldo Cesar Henn¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo: O trabalho produz reflexão sobre os processos em rede e como eles afetam o sistema jornalístico. A partir do conceito de meme, como replicador de caráter estrutural da cultura, e de semiosfera, como espaço em que essas estruturas metabolizam-se, sofrem mutações e proliferam-se, defende-se a hipótese de que o alto de teor de conectividade envolvendo redes e plataformas, configuram aquilo que se entende como máquinas de sobrevivência e corporeidade dos memes, especificamente do fascismo. O jornalismo, que teria a função de garantir a estabilidade sistêmica, transformou-se, ele próprio, em um dos epicentros desta crise social e mediática generalizada, avizinhando-se de preocupante estado de necrose, em que a diversidade desaparece, subjugada a discursos hegemônicos acachapantes.

Palavras-chave: Jornalismo em rede; Ciberacontecimento; Memes; Crise Sistêmica.

1. Introdução

A consolidação e popularização da internet, ao longo dos Anos 1990, estavam acompanhada de uma perspectiva utópica, muito inspirada no conceito de rede de informação distribuída, não centralizada e não atomizada. Essa ideia, configurada ainda

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, professor/pesquisador do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos e coordenador do LIC - Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento. E-mail: henn.ronaldo@gmail.com

no início da década de 1960, pelo engenheiro Paul Baran (1964), em estudo encomendado pela RAND Corporation, nutriu pensamentos como o da inteligência coletiva, de Pierre Levy (1997) e dos sonhos de que teríamos, finalmente, processos comunicativos totalmente horizontais, colaborativos e de transformação da espécie humana, para melhor.

Durante os Anos 2000, com a banda larga, dispositivos móveis, conexões 4G e os sites de redes sociais, processos sociais e políticos ganharam novas dinâmicas e texturas. Movimentos como Occupy All Street, Primavera Árabe, Indignados na Espanha e os próprios protestos de junho de 2013 no Brasil, todos tramados nas conexões em rede, lançaram a possibilidade de ondas emancipatórias e libertárias. Manuel Castells (2012) chegou a designar a internet como uma rede de indignação e esperança.

O jornalismo, nesse processo, passou por transformações significativas, sobretudo por conta de outros atores sociais, fora do seu ambiente tradicional, intervirem, de modos diferentes, nas narrativas jornalísticas, que se hibridizam. Houve, também na perspectiva do jornalismo, alguma euforia de transformações alvissareiras (HENN, 2013), que se colocava na interface de crises diagnosticadas tanto no plano estrutural, como modelo de negócios (BRUNS, 2014), quanto na sua dimensão semiótica, que abarca algumas questões: o acontecimento como construção e representação, cujo núcleo tradicional aparentemente implode-se; a narrativa como um eixo que se tenciona nessas outras articulações; e a perspectiva da linguagem, compreendida aqui em sentido amplo, como um lugar de investigação e de projeção de outras possibilidades.

Isso motivou uma sequência de pesquisas² que, já nas primeiras análises, constataram que havia bolsões de articulação através dos quais ideários que se entende como muito retrógrados, ganhavam materialidade vigorosa. “Constituição e disputas de territórios de sentidos, incrementados com a performance de algoritmos, passam a compor a cena social contemporânea via rede, afetando dinâmicas jornalística” (OLIVEIRA, OSÓRIO e HENN, 2019) . Memes do fascismo (HENN, 2018), nessa percepção, encorajavam-se e rearticulavam-se. Da euforia, à depressão, um pensamento distópico retorna à cena, em processos políticos inéditos. A eleição de Donald Trump nos Estados

² Pesquisas desenvolvidas no LIC – Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento, PPG-CCOM/Unisinos.

Unidos em 2016, a de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018, e outras ascensões reacionárias no mundo, nesse período, de uma certa forma constituíram-se fora do jornalismo, mesmo que, a presença do jornalismo, ou pelo silêncio, ou pela postura adesista a determinados projetos políticos/econômicos tenha que ser problematizada (OLIVEIRA, OSÓRIO e HENN, 2019).

Outras configurações do fenômeno designado como fake news, proliferou-se intensamente, principalmente através de grupos formados pelo aplicativo de mensagens WhatsApp. Chama a atenção os modos como as pessoas engajam-se com esse tipo de narrativa, ao ponto de desconsiderarem qualquer desconstrução comprobatória da sua natureza fictícia. Isso faz lembrar a categoria de tenacidade cunhada por C. S. Peirce, no seu clássico texto *A Fixação das Crenças* (PEIRCE, 1887).

Mas há outros em expansão. Clarie Wardle e Housse Derakhshans (2017), em relatório do Conselho da Europa, alertaram que a divulgação de conteúdos pela internet com textos considerados mentirosos, que recebem a designação genérica de fake news, é apenas o começo de uma fase sinistra que ameaça os processos em rede. Fala-se agora em deep fake news, que centra-se na facilidade com que se pode manipular imagens e vozes das pessoas e coloca-las em situações audiovisuais comprometedoras.

Danielle Citron e Robert Chesney (2018) discutem como a manipulação torna o fenômeno ainda mais pernicioso. Ronaldo Lemos, Virgílio Almeida e Danílo Domeda (2018), em artigo no suplemento *Ilustríssima*, da Folha de São Paulo, alertam que essa não é uma ameaça somente para os indivíduos, mas para os próprios pilares do que se pode pensar como uma sociedade democrática. O Conselho da Europa designou todo esse conjunto de fatores como “desordem informacional”. Adota-se, nesse texto, a designação “colapso informacional”, que está em sintonia com a ideia de crise sistêmica que se defende aqui (HENN, OLIVEIRA, 2015).

Diante desse cenário, o que se pretende, neste artigo, é refletir, a partir de fundamentos teóricos específicos, sobre as configurações contemporâneas do jornalismo, em processos de redes e plataformas digitais, sobretudo colocando-o como formador de eixos de conectividade sistêmica, através dos quais memes do fascismo ganham poderosas máquinas de sobrevivência. Essa hipótese coloca à deriva as pretensões institucionais do jornalismo, desde o século XIX, de ser o guardião dos princípios democráticos.

2. Semiosfera

O semioticista russo Iuri Lotman (1996) descreveu a semiosfera como o espaço em que se metabolizam todas e quaisquer semioses. Designada como noosfera pelo filósofo jesuíta Tarles de Chardan (1999) e pelo pensador Edgar Morin (1975, 1986), a semiosfera, no sentido materialista conferido por Lotman, formaria uma camada semiótica na terra, com processos próximos ao que aconteceria na biosfera, no plano da vida. Já Richard Dawkins (1989) propôs o conceito de meme, na perspectiva de estender para o território da cultura aquilo que ele entendia como fundamental na estruturação da própria vida: a performance do gene nos processos de evolução. Esse conceito aparece no livro de divulgação científica *O Gene Egoísta*, lançado na década de 1970, e tornou-se recorrente na cultura contemporânea para a designação das mensagens inscritas em linguagens diversas e que são intensamente replicadas pela internet. Mas o meme, da forma como Dawkins (1989) propôs, não está restrito a essa replicação exacerbada, via rede, por mais que os ambientes que as redes digitais suscitam redimensionam essa capacidade de maneira espetacular.

O ponto central da tese de Dawkins resume-se na seguinte assertiva: a unidade fundamental da seleção não é a espécie, nem o grupo, nem o “indivíduo”, mas sim o gene. Em algum momento da evolução, surgiu uma molécula notável: o replicador cuja principal dinâmica é capacidade de criar cópias de si mesma. Uma replicação que não é perfeita, aspecto que gerou uma sopa primordial enchendo-se, não de uma população de réplicas idênticas, mas sim de diversidade de moléculas. O autor aponta para uma dinâmica fundamental na migração dessa proposta para a do meme: os replicadores começam não apenas a existir, mas também a construir invólucros de si mesmos. São as máquinas de sobrevivência. O corpo é a maneira de os genes se preservarem inalterados. Os genes são responsáveis pela própria sobrevivência no futuro, que depende da eficiência dos corpos que ajudam a construir. A transmissão genética, descrita por Dawkins, sugere um ambiente de disputas e estratégias e é por conta dessas dinâmicas estruturais e evolutivas que ele reitera a designação “egoísta” para, em frase de efeito, considerar o gene “a unidade básica do egoísmo”. A transmissão cultural seria análoga à transmissão

genética, no sentido de que, nas palavras de Dawkins (1989: 325), “apesar de ser de ser essencialmente conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução”.

Já Iuri Lotman (1999), ao desenhar a semiosfera, lança perspectiva um tanto distinta. Os sistemas culturais não são essencialmente conservadores: o que caracteriza a cultura é justamente a constante tensão entre a conservação e a mudança. Conservação total gera redundância estagnante, o que impede suas próprias replicações estruturais. Transformação total evolui para entropia máxima: o caos informativo.

Nas palavras de Dawkins (1989), a linguagem parece evoluir por meios não genéticos, a uma velocidade que é, por várias ordens, de grandeza superior à velocidade genética. Toda a vida evolui pela sobrevivência diferencial das entidades replicadoras. O gene, a molécula do DNA, é, por acaso, a entidade replicadora mais comum do nosso planeta. Um novo replicador surgiu e o novo caldo é o caldo da cultura humana. A essa unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação, ele vai chamar de meme.

Ao lançar esse conceito, Dawkins não chegou a pensá-lo naquilo que é essencial para a longevidade do gene: suas máquinas de sobrevivência. Há um momento do seu livro em que o autor esboça um princípio de equívoco. Diz ele: “Alguns memes, assim como ocorre com alguns genes, atingem sucesso brilhante num prazo muito curto, espalhando-se rapidamente, mas não tem duração no pool dos memes”. E conclui: “As canções populares e os saltos tipo agulha são exemplos disso” (DAWKINS, 1989: p. 329). O gene, assim como o meme, constitui-se no nível da estruturalidade (entendida aqui sistemicamente). A melodia que se reproduz não é o meme: ela é sua máquina de sobrevivência, através do qual ele se reproduz. Isso implica em que, reduzir o meme apenas a fenômenos de alta replicação seria um erro, na medida em que ele é algo que dispara a estrutura de todos os processos culturais.

Susan Blackmore (1999a e 1999b) é quem dará mais densidade a essa ideia concebida por Dawkins, aspecto reconhecido pelo próprio autor na introdução do livro de Meme Machine. Nele, Blackmore (1999a e 1999b) associa os processos de imitação como o motor do que leva a espécie humana a inventar coisas ao longo de sua história, da agricultura à linguagem, do design às artes. E é exatamente na materialidade ou dos nossos corpos, ou dessas invenções, que os memes replicam-se, constituindo cultura. Na sua perspectiva, as informações copiadas nos diversos produtos que criamos é o que

produziu a incrível complexidade que nos constitui. Isso ainda está no nível do que ela chama de segundo replicador. Mais tarde, Blackmore (2012) propôs a existência de um terceiro replicador: os memes (ou memes tecnológicos), cuja autonomia não se vincula mais à mente humana, nem aos produtos, mas às máquinas que os processam: mais precisamente ao algoritmos que passam a agir contemporaneamente com perturbadora autonomia.

Essas questões não eram novidades para Lotman e seus companheiros da Escola de Tartu, que ficou também conhecida como Semiótica da Cultura. Iuri Lotman, junto com Unspenskii (1981) afirmava que a cultura é um gerador de estruturalidade: cria à volta do homem uma sociosfera que, da mesma maneira que a biosfera, torna possível a vida. Pode-se dizer que aquilo que gera a estruturalidade, reivindicada pelos autores dessa escola, é o meme. Edgar Morin (1996) também possui formulação próxima: cultura e sociedade estão em relação geradora mútua, interação essa em que não se pode esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores da cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura. Ressaltando-se, porém, que a dinamicidade do meme, na acepção de autores como Blackmore (1999a, 1999b), no que pese distinções entre especificidades de transmissão focadas em processos como impressão, condicionamento, observação, imitação ou ensino direto (CAVALLI-SFORZA e FELDEMAM, 1981; DURHAM, 1991), está concentrada nas potencialidades da imitação.

Cultura, no modo como formulam os semioticistas da cultura, é memória. Relaciona-se necessariamente com a experiência histórica passada. Entretanto, ela é vetorizada para o futuro, no sentido de que ela é também geradora de estruturas. Quando se fala da criação de uma nova cultura, verifica-se uma inevitável antecipação: entende-se, noutros termos, aquilo que, segundo se supõe, se tornará memória, do ponto de vista de um futuro reconstruível. Um programa de comportamento intervém como sistema invertido: o programa olha para o futuro do ponto de vista de quem o elabora; a cultura olha para o passado do ponto de vista da realização do comportamento (programa). Sistemas de regras segundo as quais a experiência de vida do gênero humano se converte em cultura (LOTMAN e UNSPENSKII, 1981).

Os memes, nesses processos dinâmicos da cultura, diversificam-se e promovem disputas intensas na semiosfera, o ambiente criado pelos textos culturais, estruturados como sistemas de signos. Entende-se, a partir dessa articulação, que a semiosfera é configurada a partir de fronteiras, nas quais as máquinas de sobrevivências dos memes operacionalizam estratégias de ação e permanência. Essas fronteiras são explodidas hoje (explosão, compreendida aqui, no modo como Lotman, 1999, formulou no sua obra derradeira, *Cultura e Explosão*) em um mundo em rede, altamente convergente/divergente, transmidiático e instantâneo. E esses processos apontam para uma crise sistêmica de características singulares.

3. Sistemas

A perspectiva sistêmica que fundamenta as formulações aqui apresentadas é alinhada ao pensamento do físico e semiótico Jorge Albuquerque Vieira (2000 e 2006), que se inspira na termodinâmica dos sistemas abertos e fora do equilíbrio, a partir de Prigogini (PRIGOGINI e STANGERS, 1984, 1990; PRIGOGINI, 1976 e 1996), descobertas de sistemas dinâmicos, não lineares, em processos de caos determinista (MAINZER, 1995), e também das ideias do princípio de organização originárias do ruído, de Atlan (1990, 1992).

Nessa perspectiva, a realidade é formada por sistemas abertos, tal que a conectividade entre seus subsistemas, e o transporte de informações entre eles, a partir da conectividade, gera a condição em que cada sistema é mediado ou vem a mediar outros. Viera (2006) percebeu que essa ideia de conectividade como mediação de estaturas distintas é muito próxima a definição de signo proposto por Charles Sander Peirce (2002), que além de ter uma função mediadora entre aquilo que ele entendia por mentes, também tinha uma capacidade geradora operacionalizada por essa mediação: um signo gera outro infinitamente na mediação entre um objeto (que passa-se a entender, também, como acontecimento) e mentes interpretantes.

O sistema só existe na medida em que elementos conectam-se e compartilham coisas. As conexões podem se dar por ações externas aos elementos (condicionamentos sociais, por exemplo), por capacidades intrínsecas aos elementos (relações sociais das

mais diversas) e por nuclearização (a capacidade de um elemento atrair os demais – um atrator nos sistemas físicos, por exemplo, ou um mobilizador social). A clusterização, que é característica de conexões em redes distribuídas, pode ser compreendida como uma classe específica de conectividade e propulsora das transformações em curso (HENN e OLIVEIRA, 2015).

Diante do que foi posto, postula-se a necessidade de se compreender as redes como estruturas que se desenvolvem e articulam-se na forma de sistemas dinâmicos complexos, fora do equilíbrio. Tais processos geram uma ambiência, no sentido dado por McLuhan (1964), que pode ser propulsora de transformações dos próprios sistemas implicados, na medida em que há uma intensificação de mundos altamente conectados. Nos sistemas sócio-culturais contemporâneos, o parâmetro da conectividade convulsiona-se: isso introduz crises de diversas ordens.

É esse o sentido da crise que se defende: uma flutuação intensa, provocada por novos modos de conectividade, que transformam os processos como um todo. Mas quando ultrapassam os parâmetros críticos, amplificam as flutuações, gerando crises que obrigam o sistema a avançar. Alguns sistemas podem sucumbir. Ao vencerem uma crise, porém, ressurgem reorganizados, reestruturados, e talvez com a identidade modificada. Essa conectividade intensa transforma-se em extraordinária máquina de tanto de sobrevivência, como de mutação dos memes, que também se transformam a partir das apropriações que essa gigantesca quantidade de agentes produz. E é nesse ambiente que eclode o que chamamos de ciberacontecimentos.

4. Ciberacontecimentos

No conjunto dos complexos midiáticos, o sistema formado pelo jornalismo está entre os que estão à frente de uma crise, crise entendida nessa perspectiva sistêmica. Configurando-se historicamente como mediador qualificado entre a sociedade e os acontecimentos que emergem da realidade (TRAQUINA, 2004), o jornalismo internalizou uma série de códigos e procedimentos organizacionais para poder dar conta desse ambiente que tende ao caos (HENN, 2002). Os acontecimentos são singularidades que produzem rupturas, descontinuidades, trazem incertezas (QUÉRÉ, 2005; MORIN,

1986). O jornalismo dá forma discursiva ou semiótica aos acontecimentos, criando hierarquias, enquadramentos, como que tomando posse deles, domesticando-os (SÁBADA, 2007).

Antes da eclosão do jornalismo em redes digitais (HEINRICH, 2011; RUSSELL, 2011) o processo organizacional do jornalismo era linear e rigoroso: uma cadeia que iniciava na pauta, na apuração dos acontecimentos, na construção das narrativas sobre, na edição e culminava com as notícias publicadas no formato impresso, ou veiculadas pelo rádio ou televisão. Os sistemas de radiodifusão trouxeram a possibilidade de narrativas do acontecimento em direto, em tempo real, mas tais possibilidades ficavam restritas a acontecimentos muito impactantes, e, mesmo assim, com baixo teor de interatividade por conta do modelo de transmissão broadcasting, de um para muitos (HENN e OLIVEIRA, 2015). O retorno do público limitava-se às cartas endereçadas aos jornais, telefonemas e aos processos de construção de opinião pública nas conversações contemporâneas.

A partir das conexões em rede e da migração do jornalismo para o ambiente digital, essa lógica começou a transformar-se a passos largos: os recursos de interatividade que os portais de notícias começaram a oferecer, e o surgimento de novos formatos por conta das facilidades disponibilizadas por ferramentas e interfaces cada vez mais amigáveis, geraram demandas novas. Os públicos começaram a se tornar mais presentes, mais visíveis.

Com a proliferação dos sites de redes sociais, sobretudo o Twitter e o Facebook, essa presença dos públicos tornou-se mais radical: tudo o que é veiculado pelos portais, rádio ou televisão é imediatamente repercutido e, dependendo da envergadura do acontecimento em pauta, intensamente repercutido (ZAGO, 2011). A consolidação dos sites de redes sociais e dos smartphones, associadas às tecnologias 3G e 4G intensificam as dinâmicas de conectividade e aprofundam as transformações em curso. Os ambientes de convergência, que impulsionaram alterações profundas no plano da cultura (JENKINS, 2006), desdobram-se em processos de espalhamento mediático. Migra-se, de vez, de processos distributivos, concentrados no topo das organizações de mídia, para processos de circulação, de características híbridas e não lineares (JENKINS, FORD e GREEN, 2013) . O conteúdo literalmente espalha-se numa série de transações entre

agentes de diferentes quilates. Configura-se, nessa cena tecnológica e cultural, o jornalismo em rede (HEINRICH, 2011; RUSSELL, 2011), em que as narrativas convertem-se em nós conectivos agenciados por plataformas e atores distintos.

Esse conjunto de condições sistêmicas iniciais (HENN e OLIVEIRA, 2015) faz eclodir o que se designa aqui como ciberacontecimentos (HENN: 2014). Tratam-se de acontecimentos que, na condição de expressões contemporâneas da cibercultura, constituem-se em redes digitais e geram narrativas de natureza convergente e transmidiática: sua potência vincula-se ao nível de afetação que propulsiona, intensificada pela experiência desse acontecer em rede.

Os ciberacontecimentos, nos modos como se compreende aqui, possuem, pelo menos, três dimensões a considerar: os processos transnarrativos e hipermediáticos que incluem a presença de outros atores fora dos núcleos do jornalismo tradicional; a reverberação instantânea, que passa a ser incorporada na própria narrativa, também a constituindo; e a eclosão desses outros modos de acontecimento que se tramam no cenário de conexões sistêmicas altamente complexas (HENN, 2013). Essas dinâmicas potencializam uma crise no jornalismo contemporâneo, de natureza sistêmica, que afeta parâmetros como o da etruturalidade e identidade (HENN e OLIVEIRA, 2015).

Com toda essa movimentação semiótica, entende-se que a semiosfera está em estado de explosão. O aumento de exacerbado da conectividade no todo do sistema socio-cultural, com os processos de clustering, swarming abundando, intensificam também os processos de clonagem. Esse fenômeno produz caldo cultural que potencializa a geração e proliferação de memes. Alguns, até há pouco acuados, ou adormecidos, retornam à cena, como os movimentos de ódio, xenofobias, lgbtfobias, entre outros. Isso aumenta a disputa de sentidos na semiosfera, uma espécie de “guerra dos signos”.

5. Considerações

No dia 16 de março de 2018, o portal de notícias vinculado à Folha de São Paulo, replicava texto de coluna impressa de Mônica Bergamo, com o seguinte título: “Desem-

bargadora diz que Marielle estava engajada com bandidos e é 'cadáver comum'³. O texto em si, um pouco mais esclarecedor, diz “A desembargadora Marília Castro Neves, do Rio de Janeiro, escreveu nesta sexta (16) no Facebook que a vereadora Marielle Franco (PSOL), assassinada nesta semana, ‘estava engajada com bandidos’”. E segue: “Afirmou ainda que o ‘comportamento’ dela, ‘ditado por seu engajamento político’, foi determinante para a morte. E que há uma tentativa da esquerda de ‘agregar valor a um cadáver tão comum quanto qualquer outro’”.

Ocorre que, como a própria coluna esclarece, o comentário da desembargadora é fruto de comentário a um post do Facebook, que decretava de forma, diga-se, inconsequente, o seguinte: "A questão é que a tal Marielle não era apenas uma 'lutadora', ela estava engajada com bandidos! Foi eleita pelo Comando Vermelho e descumpriu 'compromissos' assumidos com seus apoiadores. Ela, mais do que qualquer outra pessoa 'longe da favela' sabe como são cobradas as dívidas pelos grupos entre os quais ela transacionava."

No material impresso da Folha, as notas de Bergamo não contêm títulos. Quando migram para o portal, os editores atribuem títulos, que fazem importante enquadramento de largada: não há nele, qualquer indicação de que se trata de um post inconsequente em site de rede social. Alguém, da alta hierarquia do sistema judiciário (uma desembargadora), desqualifica de forma contundente uma vítima de execução política. Ao estar em ambiente digital, a manchete entra na imensa teia de conectividades que, a depender da ação de atores humanos e não humanos (no entendimento de Latour, 2005), podem se transformar em potente máquina de sobrevivência e rearticulação dos memes do fascismo: instalou-se uma fake news oriundo do próprio sistema jornalístico.

Incrementado pelo Ceticismo Político, site ligado ao grupo de extrema direita MBL (um dos movimentos que faz espécie de hakeamento das manifestações de junho de 2013, proliferando ideologia retrógrada), produziu uma das fake news mais compartilhadas à época, conforme dados do Laboratório de Estudos sobre Imagem Ciberultura

³ Ver em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/03/desembargadora-diz-que-marielle-estava-envolvida-com-bandidos-e-e-cadaver-comum.shtml>. Acesso em 28/07/2019.

(Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)⁴ e do Monitor do Debate Político da USP⁵.

Destacou-se esse caso, entre os inúmeros e não plenamente cartografados, neste cenário em que alta conectividade entre plataformas e redes, utilização de bots dos procedimentos mais simples (prints reconfigurados) aos mais sofisticados (manipulação de imagens e áudios, produzindo o que se entende por deep fake), porque esse tem origem no próprio sistema jornalístico. Se considerarmos os sistema mediático como um todo, isso que estamos considerando aqui como memes do fascismo, já possuem uma longa data de metabolização, no rádio e na televisão, com os programas policiais de discurso predominantemente justiceiro (WORMHOUDT, 2006; FRANÇA, 2018).

Em estudo divulgado ainda no começo dessa década, Wojcieszak (2011) identificou que grupos extremistas *online* havia crescido consideravelmente, o que coincide com a proliferação dos chamados “*sites de ódio*”. Para a pesquisadora, problema principal é que a participação em grupos radicais e homogêneos exacerbaria o que ela chama de “efeito de falso consenso” e faz os participantes superestimarem o suporte público às suas crenças. Esse fenômeno transforma os participantes em atores mais ativos politicamente, o que pressupostamente fazem se sentir em grupo virtualmente maior do que suas dimensões factuais.

Por outro lado, o efeito de falso consenso pode ser mitigado pelo contato com pontos de vista antagônicos *offline* e na mídia tradicional, mesmo quando ela é percebida como enviesada. O tensionamento ocorre porque o efeito de falso consenso pode ter, pelo menos, duas consequência: 1) de uma constante exposição a “opiniões consonantes”; 2) da falta de informações que demonstrem como a opinião pública não reflete opiniões pessoais. Isso pode ser desestabilização social, pois a expressão de ideias extremistas pode fazer com que mais pessoas se filiem ao grupo ou que outros grupos sejam encorajados a se organizar, já identificava Wojcieszak (2011). Com a maior profusão de vozes discordantes, quando o espectador possui a percepção de que toda infor-

⁴ Ver em <https://www.labic.net/cartografia/analise-das-imagens-de-mariellepresente-memorias-entre-a-dor-e-a-esperanca/>. Acesso em 28/07/2019.

⁵ Ver em <https://www.facebook.com/monitorododebatepolitico/posts/1718972154830907>. Acesso em 28/07/2019

mação consumida é enviesada e contrária à sua, o efeito pode ser contrário: tem potencial para reforçar as opiniões já adquiridas e projetá-las ao público geral.

Em *A Fixação das Crenças*, C. S. Peirce (1987) diagnostica que é impossível, para qualquer pessoa da espécie humana, viver em estado permanente de dúvida. Ele utiliza, inclusive, a designação “irritação da dúvida”, produzindo analogia com o próprio sistema nervoso. Para aplacar esse estado, que ele entende como desconcertante, parte-se para um processo de fixação de determinadas crenças, que ele desenha em quatro possibilidades: o método da tenacidade, da autoridade, o de um determinado gosto por determinadas convicções (que poderíamos entender como algo próximo ao senso comum) e pelo método científico.

O método da tenacidade parece imperar nesses processos fundamentalistas em rede, contemporâneos. O fenômeno ecoa aquilo que Edgar Morin (1989) entendia como sistemas de ideias fechado: toda a informação que afeta esse sistema, é rechaçada como mentirosa ou criminosa. Defende-se, aqui, que a exacerbação das conexões, com a corporificação dos memes do fascismo, afeta de forma visceral o sistema jornalístico. O jornalismo teria a função de garantir a estabilidade sistêmica com seus tradicionais processos de apuração, checagem, diversidade de fontes e de outros elementos. Porém, ou por interesses das corporações, ou pelos modos como esses processos conectivos articulam-se, transformou-se, ele próprio, em um dos epicentros da crise. Nesse processo de necrose, morre a diversidade, subjugada a uma narrativa hegemônica acachapante. A semiosfera e os sistemas culturais encontram-se à deriva.

Referências

ALMEIDA, V; DONIDA, D; LEMOS, R. Com avanço tecnológico, fake news vão entrar em fase nova e preocupante. São Paulo: Folha de São Paulo. Suplemente Iustríssima. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/04/com-avanco-tecnologico-fake-news-vao-entrar-em-fase-nova-e-preocupante.shtml>. Acesso em 30/07/2019.

ATLAN, H. The Cellular Computer DNA: Program or Data. **Bulletin of Mathematical Biology**, Vol. 52, N. 3, 335-348. 1990.

_____. **Entre o Cristal e a Fumaça**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1992.

BARAN, P. **On distibuted communications**. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964.

Disponível em https://www.rand.org/pubs/research_memoranda/RM3420.html. Acesso em 30/07/2019.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Nova York: Oxford University Press, 1999a.

_____, S. The memes' view. In AUNGER, R. (ed.), **Darwinizing Culture. The status of memetics as a Science**. New York: Oxford Press, 1999b.

_____. **Tremes – the third replicator**. 2012. Disponível em https://www.ted.com/talks/susan_blackmore_on_memes_and_temes. Acesso em 30/07/2019

BRUNS, A., gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research** - Volume 11 - Número 2 - 2014

CASTELLS, M. **Networks of outrage and hope. Social Moviment in te internet age**. Cambridge: Polity Press, 2012.

CHARDIN, T. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 1999.

CHESNEY, R; CITRON, KEATS, D. Deep fakes: a looming challenge for privacy, democracy, and national security. 14 jul. 2018. **U of Texas Law, Public Law Research Paper No. 692**; U of Maryland Legal Studies Research Paper No. 2018-21. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=3213954>>. Acesso em 02/02/2019.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FRANÇA, V. R. et al. "Testimonies in the media: the report of suffering/Testemunhos na mídia: o relato do sofrimento." **Comunicacao, Mídia E Consumo**, vol. 15, no. 44, 2018, p. 119+. Gale Academic Onefile, <http://link-galegroup.ez101.periodicos.capes.gov.br/apps/doc/A570559440/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=21c66b64>. Accessed em 28/07/2019.

HENN, Ronaldo. **Os fluxos da notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

_____. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, M; FONSECA, V. **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. P.p. 77-93.

_____. Acontecimento em rede: crises e processos. In LEAL, B., ANTUNES, E.; E VAZ, P. (org), **Jornalismo e Acontecimento: Percursos Metodológicos**. Florianópolis: Insular, 2011. P.p. 79-96

_____. Os mortos vivem no twitter: outras camadas da morte como acontecimento. In

_____. O ciberacontecimento. In: VOGEL, D., MEDITSCH, E, e SILVA, G., **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis: Insular. P.p 21-34, 2013.

HEINRICH, A. **Networked Journalism**. Londres: Routledge, 2011.

HENN, R. C.; OLIVEIRA, F. M. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista Famecos**. V. .22, p.1 - 19, 2015.

- JENKINS, H. **Convergence Culture**. New York: New York University, 2006
- JENKINS, H.; FORD, S. e GREEN, J., **Spreadable Media, Creatin, Value and Meaning in a Networked Culture**. Nova York: New York University Press, 2013.
- LATOUR, B. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory**. New York: Oxford Press University, 2005.
- LÉVI, P., **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edição Loyola, 1997.
- LOTMAN, Y. **La Semiosfera**. Madri: Cátedra, 1986.
- _____. **Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.
- LOTMAN, Y., USPENSKII, B., et. al. , **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. (1964) São Paulo: Cultrix, 2002.
- MAINZER, K. **Thinking in Complexity**. New York: Springer-Verlag. 1994
- MAROCCO, BERGER e HENN (org.), **Jornalismo e Acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, 2012. P.p. 111-130.
- MORIN, Edgar, **O paradigma perdido**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975.
- _____. **O Método I, A Natureza da Natureza**. Mira-Sintra: Europa-América, 1986.
- _____. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- PEIRCE, C. S., **A fixação das crenças**. Popular Science Monthly, 1987. Versão Lisboa: Lusosofia Press. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf. Acesso em 28/17/2019.
- _____. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.
- PRIGOGINE, I., Order through Fluctuation: Self-Organization in a Social System. In, **Evolution and Consciousness: Human Systems in Transition**. Jantsch, E. and Waddington, C. H. (eds.), p. 93-126. Massachusetts. Addison-Wesley Publ. Company, 1976.
- _____. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: Unesp, 1996.
- PRIGOGINE, I. e STENGERS, **Order out of Chaos**. London: Heinemann, 1984.
- QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, nº 6, 2005, p. 59-76.

RUSSELL, A., **Networked, a Contemporary History of News in Transition**. Cambridge: Polity Press, 2011.

SÁBADA, T. **Framing: el encuadre de las noticias**. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2004.

VIEIRA, J. A. Organização e Sistemas. **Informática na Educação: Teoria e Prática**. Tgie-UFRGS, V. 3, Setembro, 2000. P.p 11-24.

____. Complexidade e Conhecimento Científico, **Oecologia Brasiliensis**, Vol. 10, n. 1. Rio de Janeiro: PPGE/UFRJ, 2006, p. 10-16.

WOJCIESZAK, M. E., Computer-Mediated False Consensus: Radical Online Groups, Social Networks and News Media. 14:527–546, 2011. Copyright # **Mass Communication & Society Division of the Association for Education in Journalism and Mass Communication**. ISSN: 1520-5436 print=1532-7825 online. Routledge, 2011.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Concil of Europe, 2017. Disponível em: < <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-de%CC%81sinformation-1.pdf?x69924>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

WORMHOUDT, A. P. Urban violence: agressor's and victim's stereotype. **Psicol inf.**, São Paulo , v. 10, n. 10, p. 9-29, Dec. 2006 . Available from <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092006000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28/07/2019.

ZAGO, G. **Recirculação jornalística no twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). UFRGS, Porto Alegre, RS, 2011.